

Co-Criador Consciente



Hélio Couto
Osho
Cleópatra
Canalização

CoCriador Consciente

Canalização: Prof. Hélio Couto / Osho / Cleópatra

Boa tarde a todos. Muito obrigado pela presença.

A *Ressonância* - isso já foi falado aqui várias vezes - **veio a este planeta para ensinar como ser: “CoCriador Consciente”**. Algumas pessoas poderão ser atendidas pessoalmente, algumas. Sete bilhões, é im-pos-sí-vel; milhões, impossível; milhares, impossível. Isso é para algumas pessoas. Existe uma fila de espera, em todos os locais - a fila do *e-mail*. Os pedidos estão sendo atendidos, passo a passo, sem parar, dia e noite, de acordo com o que é possível.

A questão não é essa. A questão é aprender a Colapsar a Função de Onda. Esse é o trabalho. O atendimento é para provar que a *Ressonância* funciona. A *Ressonância* está baseada em determinadas leis - “essa, essa, essa e essa” - são fundamentos, aquilo que eu explico, aqui, há sete anos.

Se a *Ressonância* funciona, é porque os fundamentos são, exatamente, do jeito que foi explicado nos DVD's. É lógico, não? Se você tem uma série de leis de matemática, de resistência de materiais etc., e o engenheiro em uma palestra diz: “Olha, é ‘assim, assim, assim’ que funcionam Arquitetura e Engenharia. Eu vou provar para vocês.” Se ele constrói um prédio de vinte andares e “fica em pé”, ele está certo ou não? É claro que está; o prédio está em pé. Podem falar o que quiserem, mas ele está absolutamente certo no que disse: levanta o prédio em determinadas bases, leis, e o prédio “fica em pé”.

O atendimento da *Ressonância* é a mesma situação. Atende-se algumas pessoas, elas veem os resultados e passam a acreditar que os fundamentos são reais, que não é uma “viagem”, não é abstração o que o Hélio diz; é real. Por quê? Porque o resultado é real.

Fala-se: “Põe o CD tocando com volume zero, dê *play*, uma única vez ao dia”. O CD está tocando em São Paulo e a pessoa está na Suíça, no Japão, na China, seja lá onde for; a pessoa começa a ter uma catarse lá na China. Funciona ou não funciona? A distância é irrelevante ou não é irrelevante? Perceberam? Se tocar o CD em São Paulo e o sujeito, na Califórnia, na mesma hora sente o efeito, como é...? Não há o que falar; funciona. Existe a onda? Existe.

Agora, em uma palestra (DVD) foi colocado que não há necessidade do CD. É preciso que seja falado centenas de vezes a mesma coisa nas palestras, até que seja entendido. Fala-se “uma coisa” e o conteúdo é “torcido”, até que passa a não ser mais nada daquilo que foi falado.

Uma cliente manda *e-mail* assim: “Ponho para tocar no volume ‘tal’ e antes da meia-noite. É isso?” E explicado para os clientes: “Não pode tocar à meia-noite, antes de dormir e colocar em volume zero, zero, sem som”. De onde que a cliente tirou a ideia de que é para tocar com som à meia-noite? É o oposto do que foi falado. É sem som. “Ah, não, tem que pôr som.” Como se conclui isso?

O caso do CD é a mesma história. Será que não ficou claro que alguém precisa Colapsar a Função de Onda? Isso também já foi falado aqui. Quem Colapsa a Função de Onda quando vocês recebem o CD? Quem faz isso? Hélio Couto. Não “caiu essa ficha”? Vocês pedem casa, carro, apartamento, cento e cinquenta mil bois, um Camaro amarelo etc., o gerente libera o cheque especial, o prefeito paga o precatório, o juiz dá ganho de causa para o que vocês querem, e assim por diante. Quem colapsou a onda disso? Fui eu. Quando vocês virarem: “CoCriadores Conscientes”, colapsarão a onda e jamais virão a essa palestra ou a atendimento nenhum, porque não precisarão disso.

Agora, enquanto houver um gramazinha de dúvida sobre o Colapso da Função de Onda, não colapsa. Abriu a garagem para ver se o carro está lá, acabou, descolapsou. Dvidou, descolapsou. Não tem confiança absoluta, descolapsou. Teve medo, descolapsou. Teve inveja, raiva, ciúme etc., descolapsou. Por isso que virar um CoCriador consciente não é fácil. É necessário catarse atrás de catarse, anos, anos e anos de catarse, e isso, ainda, é pouco.

Agora, se há um mês, durante a *Ressonância*, deu uma dorzinha “aqui”, outra dorzinha “aqui” (demonstra áreas diferentes do corpo) e a pessoa chorou um pouquinho, pronto: “Ai, estou passando mal. É preciso parar o CD. Pare a *Ressonância*; não quero mais fazer, porque eu estou com uma dorzinha ‘aqui’”. “Caiu a ficha” que este é um trabalho interdimensional? Há o lado espiritual e o *lado daqui*, está certo? Faz-se o CD e há todo um suporte espiritual fazendo “a coisa andar”. Sem esse suporte espiritual, jamais funcionaria.

O Universo é um todo. Uma única hierarquia.

A pessoa fala assim: “Ah, eu vou começar a ser terapeuta ‘não sei das quantas’ e vou começar a pôr a mão nas pessoas.” “Ótimo, e o que você fará de defesa com relação aos obsessores?” “O que é isso?” “Ah, não lhe falaram que existe obsessão?” “Não. Ninguém falou isso no curso”.

Contam metade da história, não é isso? Contam metade da história. E a pessoa considera que transitará pelo mundo, vai “mexer” em alguém, pôr a mão no sujeito e que os obsessores dele, os inimigos dele, acharão isso “uma boa”.

Vou chegar aqui, arrancar a coleira dele - ele é um escravo - arranco a coleira e liberto-o (demonstra com uma pessoa da plateia). “Vá embora!” Tirei um escravo do povo lá “de baixo”. Vocês acham que o povo de baixo fica satisfeítíssimo, e diz: “Perdemos um escravo”. Falam isso, “numa boa”? “Deixa ir, não há problema.” Se não tivesse importância ser escravo, não seria escravo. Para que eles querem escravizar todo mundo? É porque um escravo vale muito dinheiro e muito *Chi* do “outro lado”.

Então, “mexer” nos outros, em qualquer terapia, é algo muito delicado. Se não tiver proteção, acabou, porque o ataque será inevitável, em você e em toda a periferia. Portanto, aprendiz de feiticeiro é o pior que existe, porque ainda não é feiticeiro, mas já acha que é. “Ah, eu vou dar o golpe no feiticeiro que está me ensinando. Vou passá-lo para trás.”

Vejamos se ficou claro. O trabalho da *Ressonância* é ensinar a ser CoCriador. Para isso que existem, até agora, cinquenta e seis DVDs gravados, os livros, os *e-books*, tudo gratuito, para que esse material seja estudado.

Portanto, ninguém deveria vir a uma consulta sem antes ter estudado o material. Senão, a pessoa vem e não sabe nem o que está fazendo ali. Resultado? Zero. Em dois, três meses, abandona, porque não sabe nem o que veio fazer, não é verdade? Aí, surge uma dorzinha de cabeça, uma dorzinha no cotovelo, e já diz: “Ai, estou passando mal. Não era isso o que eu queria.” Se tivesse estudado, não viria. Porque, se é para fazer magia, se é para fazer magia negra, é outro departamento. Há muitos magos negros, neste planeta. Ali na estação há, na estação de trem em Santo André (município de São Paulo). Está fácil e é baratinho, ali, porque é na estação. Agora, se quiserem um “classe A”, de luxo, existe, mas custa muito. Por que custa muito? Porque esse feiticeiro sabe o que vem para cima dele e, mesmo assim, quer fazer o negócio. Paciência, amém. É seu livre-arbítrio, mas ele sabe o retorno que terá.

Se você vai lá e fala: “Mata ‘fulano’”, ele mata. O retorno vem em cima dele, e claro, em cima de você, também, mas você acha que não é assim, porque você subcontratou o serviço, então não vai acontecer nada para você. O problema é do outro, foi ele quem fez. “Eu só contratei o *gângster*”. Mas, como ele sabe o tamanho do retorno, vai lhe cobrar um *BMW*, dependendo do lugar em que você for. O feiticeiro jamais vai colocar todo o seu trabalho, de graça, para todo mundo. Essa é a diferença.

Segunda-feira à noite ou, no máximo, terça-feira, a palestra, esta e todas as demais, estarão inteiramente no *You tube*, três horas, *free*. Portanto, ninguém fica sem ter o conhecimento de graça, certo? Quem quer assistir ao vivo, tem um custo. O conhecimento está sendo dado, gratuito, para

todo mundo, ao planeta inteiro. Porque é através desse custo que se pode fazer e disponibilizar gratuitamente todo o material.

Há outra questão que já foi falada aqui, na palestra passada, já foi postado, mas considero que deve haver uma tradução simultânea nessas palestras, em que eu falo em Português e chega aos outros em Grego, em Aramaico, em Sânscrito, em Alemão, certo? Só pode ser. E essa tradução simultânea está com uns probleminhas, certo? Porque o que eu falo em Português não chega em Grego exatamente, como falei. Não foi falado que não é permitido usar a imagem em nenhum outro meio que não seja o meu *site*, o meu *blog*, na minha página do *Facebook*? Que não é permitido pegar a minha imagem e pôr em outro *site* e divulgar quaisquer ideias que sejam? Uma pessoa fotografada ao lado do Hélio levará o povo a pensar em quê? Que o Hélio está apoiando o tipo de colocação que essa pessoa divulgar. Se, amanhã, minha foto aparecer num *site* “*skinhead*”, de neonazistas, o que o povo pensará? Este é o problema. Nesse assunto não se pode se dar nenhuma abertura, porque, depois, como se faz para controlar quem é quem? Por isso que é necessária uma autorização, por escrito, para usar a imagem. E ninguém tem esta autorização.

Outra coisa. Alguém pode falar assim: “O Hélio veio, de noite, me visitar, no astral, e autorizou que eu use a imagem dele”.

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: Cadê o documento do astral? O dia em que alguém tiver um papel assinado lá no astral, afirmando que eu autorizei aí, essa pessoa vem aqui e traz o papel. Materializa o papelzinho aqui, certo? Aí, veremos se fui eu que assinei ou está falsificado. Ninguém está autorizado a falar que eu visitei no astral e que autorizei, seja lá o que for. Para vocês verem até onde “a coisa vai indo”.

Há quem queira criar uma irmandade da *Ressonância Harmônica*, irmandade do Hélio Couto, irmandade do Lírio, irmandade do Revolucionário Quântico. Não pode usar nenhum destes nomes em nenhuma instituição, nem irmandade, nem associação, nem coisa alguma. Não pode. Quem quiser criar irmandade, crie. Coloque qualquer nome, só não pode pôr Hélio Couto, *Ressonância Harmônica*, Revolucionário Quântico e o Lírio. Quanto ao resto, coloque qualquer nome, qualquer coisa. Mas não pode me associar a nenhuma instituição, a nenhuma igreja, a nenhum partido político, a nada. O que faço aqui é uma terapia, só isso. Não sou uma empresa, não tenho empresa, não pretendo ter, não sou uma igreja, não fundarei nenhuma igreja, nunca. Lembram-se do que Joel Goldsmith escreveu, nos seus livrinhos? Leiam: “O Caminho Infinito” e vejam o que ele expôs lá. Falou: “Pelo amor de Deus, não fundem nenhuma igreja, mais.” Está claro? Então, não sou igreja. Mandam *e-mail* me xingando, porque eu sou uma igreja. De onde tiraram essa ideia?

Outra coisa. Peço paciência ao povo que veio de longe, mas tenho que falar hoje. Daqui a duas semanas falarei mais, mas hoje preciso dar o recado, porque está na ordem do dia.

Se não pode pegar uma foto minha e colocar num *site* qualquer, como passa pela cabeça de alguém pegar um DVD meu, “cortar pedaços”, editar e publicar no *You tube*? Vocês já imaginaram o perigo disso? É possível pegar um pedaço, outro pedaço, outro pedaço, juntar; se cortar direitinho, com esses *softwares* que existem agora, pode-se cortar duas palavras, mais três, mais uma, mais duas, mais três, e formar um discurso, a favor de qualquer coisa. Como se pega um DVD de outra pessoa, manipula desse jeito e publica?

Vocês sabiam que um cantor, qualquer um, não pode cantar uma música sem pedir autorização do seu autor? Pois é. “Ah, eu vou cantar...” Sem falar com o autor, você não canta. Porque, se fizer uma porcaria de canto, você acaba com a música. Ficará aquela versão, “no ar”, de um cantor horrível que deteriorou totalmente a música, com aquela interpretação que não é o que o autor queria.

Então, as “coisas” não são um “oba-oba” total, embora o planeta esteja um “oba-oba” total, em que vale tudo. Mas, enquanto eu for vivo, não pode “mexer” em nenhum material meu, sem

expressa autorização, por escrito. Portanto, todos os vídeos manipulados devem ser retirados “do ar”. Só devem estar “no ar” os meus DVDs, só. E integralmente, para que não se tire do contexto as palavras, para que não se destaque uma coisa que foi falada no minuto... “Aos vinte e nove minutos e quarenta e oito segundos, você falou ‘tal’ coisa.” Há várias pessoas fazendo isso. Tiram do contexto, não entende que é preciso assistir aos cinquenta e seis DVDs, ler os livros, ler os artigos, o *blog*, para poder entender o que está sendo falado aqui, porque, senão, não será possível entender.

O que está sendo falado aqui é um protocolo, é um quebra-cabeça. Cada DVD é uma pecinha do quebra-cabeça. Está no *site* “O Caminho dos DVDs”. O que está lá, nos DVDs de um a cinquenta e seis, tem uma sequência, foi falado na hora certa.

O trabalho está inacabado, no momento. Há muita coisa, ainda, para se fazer. A cada palestra coloca-se mais uma pedrinha no quebra-cabeça, vai-se montando. No momento, está inacabado. Agora, se fazem essas manipulações, as pessoas começam a colocar em risco o trabalho. Qual é o objetivo? É acabar com o trabalho antes do tempo? É que eu vá embora do planeta antes do tempo? Porque fazer julgamentos, sem ter todas as informações, é de uma besteira incalculável.

Falou-se aqui sobre mutilação genital feminina. Alguém tem noção do tamanho do perigo que é mexer nesse assunto? Não. Por quê? Porque muitos não têm conhecimento da realidade deste planeta. Pensam: “Ah, podemos falar desse assunto, podemos mexer, podemos fazer o que quisermos”.

Existe um cronograma de todos os assuntos que estão sendo falados aqui, passo a passo. Em “tal” ano vai se falar “tal” coisa; no outro ano “isso”, no outro ano “isso”, até poder terminar o trabalho.

Lembram-se de Copérnico? Copérnico tinha visto o que acontecia com quem falava: ia parar na fogueira. Quem falava, ia para a fogueira. Falava, fogueira, certo? Giordano Bruno. O que ele fez? Escreveu o livro, pôs na gráfica e disse: “Deixem, esperem a minha ordem.” No leito de morte, falou: “Podem trazer o livro”. Ele estava lá deitado, morrendo. “Está aqui o seu livro.” É assim. “Ótimo. ‘Beleza’, depois que eu morrer, publique.” Aí, publicaram.

O que poderiam fazer? Como poderiam matar duas vezes Copérnico? Queimar o corpo que já estava morto? Como o levariam para a Inquisição? Como é que ele seria estraçalhado, na tortura, depois de morto? Já sabendo como o sistema funcionava, ele deixou para o livro ser editado no dia em que morreu. Quem não soubesse do funcionamento do sistema, poderia falar: “Copérnico, por que você não publica logo esse livro? Coloque nas bancas para vender.” Mas ele sabia que o dia em que colocasse o livro a público, estaria morto. Então, teve paciência e esperou até chegar a hora certa de divulgar.

Pois é. Agora, vocês sabem sobre um cineasta, que mexeu com o assunto “mutilação genital feminina” e foi assassinado? Ele estava andando na sua bicicleta, alegremente, numa cidade da Europa. Veio um sujeito, disparou um tiro nele, outro tiro; ele cambaleou, foi se arrastando, até a calçada oposta. O sujeito foi lá, terminou: atirou mais, pegou um facão “deste tamanho” (enorme) e enterrou no peito dele. Planeta Terra. Mutilação genital feminina. Eu não queria falar isso aqui; vai ficar gravado, para o planeta inteiro; mas como insistem em manipular os DVDs, eu fui obrigado, hoje, a colocar isso aqui, publicamente. Agora, os inimigos “levantarão a orelha”, falarão: “Epa!, epa! Esse assunto é ‘quente’. Vamos mexer nesse assunto e pronto, acaba o trabalho do Hélio.”

Eu pergunto: É isso o que essas pessoas querem? As pessoas que estão manipulando os DVDs querem criar essa situação? Porque, vocês acham que o sujeito que enterrou o facão no peito do cineasta não faria isso duas, ou três, ou dezoito mil vezes? Parece que é simples. “Ah, é só cortar o hímen. Mas o que...? Que problema há nisso? E depois dar uma costurada.” E o “cara” matou o outro por causa disso? É o simbolismo. Não é o problema de costurar. É toda a filosofia que está atrás do fato de cortar e costurar.

Desde que começou esta palestra, às dezesseis horas e trinta minutos, seis meninas, de três, quatro, cinco, seis anos de idade, já sofreram mutilação. Hoje, agora: seis. A sétima está em andamento, porque faltavam dois minutos. Porque, a cada quatro, uma é mutilada, em cima de uma

mesa de cozinha, lá na Europa. A mãe segurando, a irmã segurando, a cunhada, o tio, a avó, todo mundo segurando, para a especialista ir lá retalhar tudo e costurar. Três, quatro, cinco, seis anos de idade.

Dá para imaginar o trauma que isso gera? Não conseguem, só passando. Isso é semelhante a, quando nasce um bebê, já arrancarem e “meterem a mão” (palmadas). O bebê começa a chorar. “Bem-vindo ao planeta Terra.” E já se cria um trauma terrível no nascimento. “Aqui, é assim.”

Então, nasce uma mulher, tem três anos de idade; ela vai querer estudar, aprender, progredir, não é? Como é que se pode cortar esse desejo pela raiz? É fazendo assim. Pensam que são fracos de inteligência? Pensam que não existe uma tremenda análise psicanalítica por trás da ação, para praticar um ato desses? Uma menina de três, quatro, cinco anos, que passa por uma violência dessas, fica com a vida acabada. Será uma escrava, para sempre. Porque, quem é que fez isso? Foi um estranho, na rua, que pegou? Um estuprador, que ela não conhece? Não. Foi sua mãe que fez isso, sua avó, sua tia - as pessoas que ela mais amava e em quem mais confiava. Foram essas que a torturaram, violentaram, castraram.

A partir daí, essa menina acredita em quê? Confia em quem? Acha que tem amor onde, se sua mãe fez isso? Esse é o recado que é dado. Perceberam? Imaginem, a partir daí, essa criança vai levar anos e anos para se recuperar de um trauma desses. E, aí, é: “Sim, senhor”, “Não, senhor”; “Sim, senhor”; “Não, senhor”; “Sim, senhor”; “Não, senhor”. Um escravo perfeito. Porque, se “abrir a boca”, apanha; se abrir de novo apanha mais; abriu, apanha mais. E se for pega sendo vítima de um estupro, de um desconhecido, será condenada. Por quê? Porque fez sexo fora do casamento. Entenderam? Se um estuprador pegar você, você será condenada. Por quê? Porque fez sexo fora do casamento. Isso significa o quê? Que o estuprador tem todo o direito de fazer, certo? E você ainda é culpada e ainda será condenada, apedrejada, chibateada etc. Só... É, a culpa é sua, a culpa é sua. Por quê? Por que a culpa é sua? Porque você nasceu mulher - por definição, você está errada. Vocês já viram castrar os homens, pegar os menininhos de três, quatro anos, e cortar? Não, não, de jeito nenhum.

Este é o planeta Terra. Por isso que não pode mexer nos DVDs. Porque eu sei quando mexerei nesse assunto, *OK?* O material está gravado, está preparado para daqui a anos à frente, conforme o cronograma que eu tenho. Vai chegar a hora certa, em que eu possa pôr a mão mais um pouco nesse assunto.

Quando uma pessoa manipula o DVD, “bagunça” o cronograma e coloca em risco todo o planejamento que foi realizado para esse trabalho. Porque nesse trabalho não há nada, nada aleatório, nada casual, nada. Tudo é pensado, planejado e executado. Então, o recado está dado. Todos os DVDs manipulados, colocados no *You tube*, que não estão sob o domínio da equipe de divulgação, devem ser retirados “do ar”.

Quando se faz a *Ressonância*, se recebe uma Onda que vai até a pessoa e penetra nela toda. Ele (exemplifica com um espectador) pediu casa, carro, apartamento. A Onda vem portando a informação da casa, carro, apartamento, todas as catarses que ele deve fazer para que possa limpar tudo e penetra. Muitos, vários e vários anos atrás - isso já está falado, está gravado. A Onda que vem portando o carro para ele é o Todo. Vou trocar a palavra: a Onda que transporta o carro para ele é Deus. Se não entender isso, não entendeu nada. Se não sentir isso, jamais será um CoCriador.

Uma cliente disse: “Ai, eu estou rezando, rezando, rezando, rezando, rezando, e Deus não me escuta.” Essa semana eu recebo um “torpedo” que dizia: “Estou fazendo tudo direitinho...” - ela está indo à falência - “Estou fazendo tudo direitinho e Deus não está vendo.” Então, a primeira cliente acha que Ele não escuta, para a outra Ele não vê. Outro falou: “Deus morreu”, lembram-se? Faz tempo que ele falou.

No seriado “*SuperNatural*”, a mitologia do seriado - quem assiste, aqui, deve saber - está toda em cima do problema de que “Deus sumiu do Céu”. É o caos. Há uma guerra civil no Céu, para ver quem ganha o poder lá. Embaixo sempre é uma guerra civil, mas tudo bem. Está certo. Está o caos armado no planeta, todos se digladiando, porque Ele sumiu.

Esses roteiros não são por acaso. Quem escreve isso sabe o que está fazendo, sabe qual é a mensagem que está passando.

Mas, vocês veem que gozado: uma cliente fala que Ele não escuta, a outra que Ele não vê, outro que Ele morreu e o outro que Ele sumiu. E, o planeta está desse jeito; o planeta Terra está assim. Temos quatro depoimentos. Não vê, não escuta, sumiu ou morreu.

Como essa pessoa que diz: “Ele não está enxergando” pode colapsar prosperidade? Qual é a concepção de Deus? Quem é Ele, onde Ele mora? Como Ele é, o que Ele pensa, o que Ele sente? Isso é fundamental.

Assim que um bebê nasce, ele já deveria começar a pensar nisso e descobrir a resposta, para poder ter as casas, carros, apartamentos que quer; porque, senão, vai ficar difícil. Você está inserido num sistema que não sabe como funciona, não sabe de onde veio, o que está fazendo aqui, para onde vai, não sabe as regrinhas que regem esse engenho. Se você não souber nada disso, ainda está em vantagem. O pior é se você achar algumas coisas. Aí, é mais complicado, porque, a partir do momento em que a crença foi gravada na cabeça, para trocá-la, demora *ad infinitum*. Porque, depois que a crença existe, ela se perpetua. A crença tende a lutar com todas as forças para não ser “arrancada” da mente. É um programinha.

Então, por mais que se explique para essa cliente que está fazendo errado; “assim, assim, assim, assim” e bastaria pensar; “assim, assado, assado”, que começaria a ter dinheiro para pagar as dívidas, ela fala: “Não, eu estou fazendo certo. É Ele que não vê.” Explica-se tudo de novo: “Não, mas estou fazendo certo. É Ele que não vê.” Explico tudo de novo: “Não, é Ele que não vê.” Aí, sou obrigado a falar assim: “Bem, chegamos a uma conclusão: dos cinquenta e seis DVDs, você não entendeu nada.” “Ah, você acha que não entendi?” Respondi: “Eu acho.” “Ah, então eu sou burrinha?” “Não. Claro que não. Você só é resistente. Você é muito inteligente e, por causa dessa inteligência, você resiste, resiste, resiste a aceitar que suas crenças estão erradas.” Crença, implica em dívida; crença, dívida. O que você gera na sua vida? Dívida. Então, há algum problema com as crenças, não?

Falando nisso, publicaram uma matéria dizendo que, daqui a um tempo, haverá uma campanha orientando as pessoas a tomarem crédito. Está aqui (demonstra o texto). Estão pensando, ainda, no nome da campanha, no *slogan* da campanha. Bem, vocês já sabem o que eu sugiro, não é? Crédito é...?

Plateia: Dívida.

Prof. Hélio: Dívida. Muito bem.

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: Sabe quando esse *slogan* será assimilado? Jamais.

A quantidade de clientes praticamente falidos é gigantesca. Dívidas, praticamente, impagáveis. É preciso falir para começar de novo, de tão alta que a dívida já está. E a pessoa tira outro e outro empréstimo, e outro e outro e outro. Ninguém vai à falência em uma semana ou um mês. Isso ocorre porque tirou outro empréstimo para pagar o anterior. Não pagou nenhum dos dois; aí, tira um terceiro para pagar os dois primeiros. Também não paga o terceiro, e tira o quarto, para pagar os outros três. Pede o quinto, e assim vai. Quer dizer, isso leva um tempo. E não “cai a ficha” de que esse tipo de procedimento levará à falência total. Não. A pessoa continua, vai fazendo, vai fazendo. Independentemente de toda a propaganda que existe para se fazer dívida, existe o livre-arbítrio da pessoa. Ela faz isso devido do sistema de crenças, pois acredita nisso. Porque, se tivesse instinto de sobrevivência 100%, dava um breque, imediatamente. Não conseguiu pagar um, deve parar, porque a falência é certa.

Há clientes que vêm meses e meses e anos; um ano, dois, três anos. Uma fala assim: “Estou pagando para ver se funciona.” Imaginem. Vem fazer *Ressonância* um mês, dois, três, quatro, doze, quatorze, dezoito, vinte e quatro, trinta e seis, e diz: “Estou pagando para ver se funciona.” E eu estou explicando qual é o problema, mas não adianta. Não faz o que recomendo, mas continua pagando para ver. Recentemente, ela foi consultar outras pessoas, e alguém lhe disse: “Existem uns probleminhas na sua vida passada. Você prejudicou um tanto quanto de gente.” Será que quando ela assiste aos DVDs, será que entende?

Quantas vezes já foi falado, aqui: “Quero casa, carro, apartamento, mas existe uma coisinha: há dez mil anos eu fiz uns sacrifícios humanos, sabe? Eu arrancava uns coraçõezinhos de crianças, ali na América Central, por ali. Mas aquilo foi há dez mil anos. Esqueça, deixe isso para lá, já passou; eu nem lembro. Agora, quero casa, carro, apartamento.” Se não limpar isso, jamais terá casa, carro, apartamento. Porque é uma onda que a pessoa emite - a onda do sacrifício humano. Ela continua emitindo, dez mil anos depois, e quer ter casa, carro.

Veio uma cliente e disse: “Ai, tem um fato que eu não contei: dois abortos.” “Hum.” “Sabe, tenho várias amigas que fazem *Ressonância* e não contam nada disso, porque acham que não tem importância nenhuma.” Olhem o sistema de crenças. A pessoa vem fazer *Ressonância*, faz a anamnese. “Quais são os problemas?” “Assim, assim, assim.” “Está bem. E o que você quer?” “Isso, isso e isso.” “Está bem. Alguma coisa relevante, importante, algum trauma?” “Não, nada, nada.” E não conta que em sua história há “não sei quantos” abortos, achando que isso não tem importância nenhuma.

Gente! Existe o livre-arbítrio. Cada um pode achar, pode pensar, pode fazer o que bem entender; você é livre. Agora, você está dentro de um enorme sistema, de uma enorme hierarquia, de um enorme Ser, chamado o Todo, Deus. Você está dentro d’Ele, como uma bactéria está dentro do seu intestino. Tudo o que existe é o Próprio, o Todo. Então, você está dentro d’Ele, e Ele tem umas regrinhas para que as pessoas sejam felizes, no final das contas, no final da contabilidade, lá na frente, para lá. Como Ele não tem problema de tempo, para Ele está tudo certo. Você pode fazer o que quiser, que não há problema nenhum. O ano fiscal d’Ele não vai fechar em março. O ano fiscal d’Ele não fecha nunca, sabe? Porque é a Eternidade. Então, nunca há balanço. Nunca vai fechar para balanço. Não; vai sempre adiante.

A pessoa fez dez mil anos de sacrifício humano? Sem problema, não é? Está debitado; está debitando, debitando, debitando e haja miasma, não é? E miasma, miasma, e miasma. E continua fazendo, vai em frente. Quanto mais fizer, mais miasma, mais antimatéria, mais problema terá. Mas é *free*, segue, vai fazendo. Quanto mais antimatéria tem, mais sofre, mais tem dor, mais miséria, mais doença, mais, mais tudo, não é? É culpa d’Ele? Não, Ele não tem nada a ver com isso. Chama-se: “Eletromagnetismo” - criou, mandou, volta; mandou a frequência, volta igual. Mais justo que isso não existe. Ele só está ajudando.

Vocês já imaginaram se Ele fosse levar “a ferro e fogo”, “olho por olho”? Se Ele ficasse lá em cima com aquele porrete na mão, olhando, e decidindo: “Esse aqui: ‘pumba’! Esse aqui: ‘pumba’!”? Se fosse assim, vocês já teriam certeza absoluta disso, porque ninguém estaria aqui, certo? Se Ele fosse tratar as pessoas assim, não haveria ninguém vivo. É porque Ele releva. Ele releva, releva.

Sabe o que é Amor? Amor, amor, amor. Como Ele é puro Amor, não sabe fazer outra coisa a não ser Amar. Ele ama, ama, ama, ama, ama; vaza, sem parar.

Então, quando as pessoas têm essas atitudes de ódio, de matança, de carnificina, de sacrifício humano, vocês acham que Ele entende o que está acontecendo? Ele não entende. “Cai à ficha”? Mandou matar trinta; você acha que Ele sabe, ele entende, en-ten-de, o que você está fazendo? Ele vê os resultados, a dor que causou, mas Ele não entende. Fala: “Como, como conseguem fazer isso?” É o que Ele pensa: “Como, como conseguem fazer uma guerra dessas, usar bomba de fragmentação, bomba de fósforo, bomba de urânio enriquecido?” Ele pode ficar horrorizado, mas não entende, não é? Ele vê a carnificina que é isso aqui, e tem paciência, paciência, paciência, paciência, paciência.

Porque, Ele tem outra escolha? Ele não tem escolha, não é? Ele não tem escolha. Ele ama, não tem escolha.

Vejam os seus filhinhos. Os filhinhos fazem e aprontam e aprontam e aprontam, e vocês ajudam e ajudam e ajudam. E o filhinho bate na mamãe, xinga a mamãe de tudo o que tem direito, o filhinho faz e desfaz, coloca a mamãe nos asilos, nas casas de repouso, certo? e nunca mais vai ver a mamãezinha. E o que a mãe sente? Continua amando aquele filhinho. Peguem um sujeito que está na penitenciária, que matou “não sei quantos”. Vão conversar com a mamãe dele. “Como é o seu filhinho?” “Meu filhinho é tão bonzinho! Não foi ele. Ele jamais faria isso!” Você acha que a mãe consegue entender tudo que aquele filho que está lá na penitenciária é capaz de fazer e fez?

Então, imaginem: se uma mãe terrestre não consegue assimilar a crueldade que o filho é capaz de fazer, imaginem o Todo, que não tem sentimentos humanos. Está lá, escrito: “Os meus pensamentos não são os seus pensamentos.” Está lá, escrito. Ele não pensa desse jeito que nós pensamos. Por isso que continua ajudando, e ajuda e ajuda, ajuda, ajuda. Porque Ele sabe que, lá na frente, milhões de anos... Aí, vocês vão fazer a pergunta: “Quando que dá para eu conseguir a casa, o carro, o apartamento?”

Plateia: (risos)

Prof. Hélio: “Será que, em três meses, eu passo no concurso?” “Quanto tempo leva para a *Ressonância* funcionar?” Depende, não é? Pode ser “assim” (num estalar de dedos). Uma cliente, em São Paulo, deu um “salto” gigantesco, em dois meses. Fez “assim” (expandiu muito), em dois meses. É só pegar o ego, falar: “Vá para lá. Fique quieto aí.”

Agora, imaginem se a pessoa não sabe o que é ego. Quando se fala em ego, acha que é uma terceira pessoa. Ego é aquilo que está no seu R.G. (Registro Geral), existe, lá, uma foto e um número. Aquilo ali é ego; é aquele sujeito, aquela foto ali. Ego é aquele que está lá no bar, do lado da faculdade, bebendo. Esse é o ego. É o gerente que dá o empréstimo para aquele que já está falido. Esse é o ego.

Vamos mostrar um caso real. O sujeito deve R\$1.200,00 (mil e duzentos reais) por mês e ganha R\$1.800,00 (mil e oitocentos reais). Ele ganha R\$1.800,00 (mil e oitocentos reais) e deve R\$1.200,00 (mil e duzentos reais), todo mês. Aí, perguntam ao banco: “Esse sujeito pode ser classificado como superendividado?” O banco diz: “Não”. Não. É, não. Ganha R\$1.800,00, deve R\$1.200,00 e não está superendividado! Epa!

Segundo o critério deles, o que é superendividado? É quando ele dever R\$3.000,00 (três mil reais), ganhar R\$1.800,00 (mil e oitocentos reais), e não tiver mais nada? Só debita, não mora, não come, não faz mais nada, porque toda a renda dele vai para pagar a dívida? Eu acho que, aí, ele está superendividado... Isso é real. Parece absurdo, não é?, mas é o critério que se usa, nesse mundo aí de fora, quando vocês vão solicitar empréstimo. Você pode falar: “Eu ganho R\$1.800,00 (mil e oitocentos reais), devo R\$1.200,00 (mil e duzentos reais), preciso de mais R\$5.000,00 (cinco mil reais) de empréstimo.” “Sem problema, você não está superendividado..., tome.”

Foi isso o que fizeram com a minha cliente. Ela tirou R\$1.000,00 (mil reais) aqui, R\$1.500,00 (mil e quinhentos reais) ali, R\$2.000,00 (dois mil reais) ali, R\$5.000,00 (cinco mil reais) aqui, R\$3.000,00 (três mil reais) ali; vão somando. Hum... Dá R\$18.000,00 (dezoito mil reais) por mês. E foram dando. E, se ela for a outro banco, tira mais, tira mais. Será necessário, já, de um “meio-milagre” para que ela consiga pagar esses R\$18.000,00 por mês.

Pensem numa plataforma de exploração de petróleo, que tem uma válvula. A empresa que vende a válvula falsificou os testes de resistência: ela só testou 70% da capacidade da válvula e atestou: “Está tudo certo. A válvula aguenta 100%.” O teste só verificou 70% e ela libera. A válvula é posta, lá, há quatro mil metros abaixo do nível do mar; estoura, inunda de petróleo tudo, causa um prejuízo descomunal. Quem fez esse teste e quem falou que era 100%? O ego, o ego.

Toda vez que a pessoa vê, exclusivamente, o próprio interesse, e não o do Todo, é ego que está agindo. Então, para saber sobre seu próprio ego, pensem: “O que há, no meu inconsciente, que está atrapalhando eu conseguir as coisas que quero?”

Veio um cliente e falou: “Eu não consigo sentir.” A coisa estava se arrastando, não é? “Ai, eu não consigo sentir. O que será que há no meu inconsciente?” Eu falei: “É simples. Um mínimo de teste já dá para saber: o que você acha de Mahatma Gandhi?” “Deu um branco” nele; até o fim da entrevista ele não conseguiu dizer o que achava. Eu fiquei esperando, esperando, esperando. Aí comecei a falar de outras coisas, argumentar de outro jeito, “tal”; e ele foi embora. Qual o sistema de crenças que ele tem? Ou ele achou alguma coisa e não ousou falar, pensando no que eu iria responder, e então ficou com medo de falar? Ou ele não acha nada, mesmo? Ou acha que ele não tem nada a ver com Gandhi?

Em última análise, é simples. É simples conseguir a casa, o carro, o apartamento, tudo; é simples. Mas, o problema é que a pessoa pensa: “Eu não tenho nada a ver com as escravas sexuais que estão lá na rodovia E-55, na Europa do Leste, na Tchecoslováquia, na Alemanha” - fica ali, na fronteira - E-55 é o nome da estrada - “Não tenho nada a ver com isso.” Hum... E lá na Croácia? Sérvia, fronteira com a Croácia, que tem o mercado Arizona? O nome é porque os americanos estiveram lá, há um tempo atrás, e numa cidadezinha ficaram umas barracas e “tal”, e o local ficou conhecido como “Cidade Arizona”. É para onde os “empreendedores” levam as escravas sexuais do Leste Europeu. Elas são postas lá, a mostruário, e os clientes chegam, cutucam, apalpam, mandam abrir a boca - elas estão nuas, certo? - e estão vendo a “mercadoria”. Aí, o cliente compra a escrava e leva para vários países, pelo mundo, para trabalhar. Trabalho escravo. Não é subcontratado. Elas não estão trabalhando, de livre e espontânea vontade, para ele; são escravas. Vejam que o mundo “avança”, não é? A “civilização” humana “melhora”, sem parar; a produtividade aumenta...

Em Roma, dois mil, dois mil e quatrocentos anos atrás, um escravo valia muito. Um escravo é um bem caro. Claro, foram necessários mil, oitocentos e sessenta anos, para que Karl Marx escrevesse, desse a definição de “mais-valia”, para se saber quanto vale um escravo, certo? Mas agora já temos; já existe uma metodologia para calcular quanto vale um escravo. Mas, por instinto, intuição, em Roma se sabia que um escravo valia muito. Então, não pode ser tratado “assim” (no tapa), porque vale dinheiro.

Você não trata o seu cavalo, as suas vaquinhas, na fazenda, de qualquer jeito, porque valem dinheiro; trata direitinho, porque vai vender e ter lucro. Dois mil anos depois, quanto vale um escravo, hoje, comparando com um escravo romano - falando em Economia, pura Economia? Sabe quanto vale? 10%; hoje, vale 10% do que valia um escravo em Roma. Estão vendo como “melhorou”? Nossa! É “espetacular”... E as pessoas pensam que acabou a escravidão, cento e poucos anos atrás, porque assinaram um papel...

Hoje, na Europa do Leste, as meninas de quinze anos de idade não veem alternativa na vida a não ser serem prostitutas, porque não têm outra opção, dada a situação econômica e social de onde vivem. Onde vocês obterão essas informações? Na grande mídia? Hum... Então, quem tiver interesse, está aí, baratinho. Mercado Arizona, fronteira da Sérvia com Croácia, *n* à venda, *n*. E pegam... Porque o povo, vocês sabem, tem uma preferência enorme por eslavas, não é? Enorme, tanto na Europa quanto nas adjacências, Europa do Oeste. Há países que têm cerca seis milhões de habitantes. Tirando os velhinhos, tirando as criancinhas, quantos sobram? Uns três milhões? Normalmente, a divisão da população entre masculino e feminino é meio a meio, certo? Então, sobram, vamos supor, um milhão e meio de homens. Um milhão deles, todo mês, frequentam os bordéis onde estão essas escravas sexuais compradas lá na Croácia, por exemplo. De um milhão e meio, um milhão, pelo menos, utiliza os serviços das escravas sexuais - é estatística, real. E esse é um aspecto mínimo do problema. Porque o planeta Terra, como já expliquei, é como se fosse um dodecaedro: essa é uma facezinha, mas há mais onze.

Aí, vejamos. Que pensa a pessoa? “Eu não tenho nada a ver com isso.” Certo, é livre-arbítrio. Só que assim fica impossível colapsar a função de onda. Este é o problema. A pessoa é livre; ela

pode achar, pode fazer, pode pensar: “Não tenho nada a ver com isso. Que se dane!” Entenderam? Sem problema. Agora, querer, com esse tipo de sentimento - porque, embaixo disso há um sentimento, é claro - querer, com esse tipo de sentimento, colapsar a função de onda para cocriar alguma coisa, é impossível. É por isso que nada acontecerá enquanto não limpar todo o inconsciente, por meio de catarse e mais catarse e mais catarse e mais catarse, um mês, dois, três, seis, dez, doze, quinze, cinquenta meses, anos e anos e anos e anos. Só depende da pessoa, hein? O Todo não pôs prazo nisso; só depende da pessoa. É preciso pegar o ego e fazer “assim” (por para o lado): “Aqui, você. Quietos, aí.” Pronto! “Eu farei o que tem que ser feito.” Quem fala isso é a Centelha. A Centelha fala: “Eu farei o que tem que ser feito”, ponto. “Ego, fique sentadinho, aí; logo mais você participa.” Você pode comer, pode almoçar, jantar, dormir, pode se divertir, sem problema. Mas devemos fazer o que tem que ser feito.

Foi isso o que Gandhi entendeu quando parou de advogar e resolveu trabalhar para o Todo, fazer aquilo que ele tinha vindo fazer. Foi isso o que aconteceu com Mandela no dia em que ele resolveu fazer o que tinha vindo fazer. Foi isso o que aconteceu com Martin Luther King quando ele resolveu fazer o que tinha vindo fazer: deixar a Centelha Divina tomar conta de tudo. Quanto mais a Centelha Divina tomar conta de tudo, mais progresso a pessoa terá. Se ficar “meio ego, meio Centelha Divina”, vai ter meio resultado, e assim por diante. Zero Centelha; noventa e nove, cem, de ego, poucos resultados.

Portanto, o problema sempre volta, sempre volta lá atrás. Em vista disso, como a pessoa pode falar: “Não sei o que há no meu inconsciente”? É pela vida prática dessa pessoa que você sabe o que há no inconsciente. Se você está no bar, bebendo, como não sabe que está no bar, bebendo?

Pergunta: como essa pessoa pode ser tão inconsciente e estar no bar, bebendo, e teimar: “Não estou no bar, bebendo”? Bem, esse é o velho problema do alcoólatra, não é? Quando se fala: “Você é alcoólatra”, ele responde: “Não, não, não. Eu bebo socialmente.” Agora, esse é outro lado da coisa. Vamos voltar ao boteco, do lado da faculdade. Você sabe que está ali ou não sabe? Você sabe que, conscientemente, está bebendo, enquanto devia estar estudando? Sabe. Você não escolheu beber, em vez de estudar? Escolheu. Pronto, não há por onde escapar. Escolheu beber: tem um livro para ler, mas em vez disso, decide: “Não; vou beber.” “Vou à ‘balada’ e vou tomar o anestésico de cavalo” - aquele anestésico veterinário que o povo está usando na “balada”, hoje em dia. Assistam ao filme: “A Pele que Habito”. Tem a fórmula, lá. O filme foi feito só para passar a fórmula, para denunciar o que está acontecendo nas “baladas”, para ver se os pais “levantam as orelhas” e veem o que está acontecendo com as pré-adolescentes.

A adolescente engravida - o que, realmente, hoje em dia é um “mistério”: com toda a informação que se tem, alguém conseguir engravidar “sem querer”. Que, entre uns índios, lá no meio da Amazônia, aconteça isso, até pode ser; mas, aqui, com toda a informação que se tem? Aí, a adolescente pensa assim: “Ai, estraguei minha vida. Estraguei a minha vida.” Está lá dentro um ser que veio ajudá-la na vida. Ele veio ajudar, porque já viu toda a problemática em que a menina está e para onde ela está indo; então, ele fala: “Serei filho dela, para ajudá-la.” Mas o ego pensa assim: “Estraguei minha vida. E agora, qual a solução? Qual a solução?” E sempre tem alguém perto para falar que existe solução, é lógico, lógico, lógico. “E se a gente falasse com o ‘fulano’?” “Não, não; melhor não falar com ele, que ele não vai dar a solução.” Ele não vai ser a favor da solução, não é? Vamos só consultar as pessoas a favor da solução.

Então, não se consegue pesquisar argumento nenhum. Fica-se só com uma facção; não se conversa com a outra, porque, aí, pode ser que precise mudar de opinião. E ela acha que estragou a vida; então, precisamos achar, rapidamente, porque não pode esperar... Vamos esperar quanto? Não dá; amanhã, amanhã. Se está com três meses e meio, qual a diferença de ser amanhã, depois de amanhã ou daqui a uma semana? Qual a diferença? “Não, não; mas é urgente, urgente.” Resolvido, acabou o problema, está zerado. Na cabeça, ela pensa assim. O ego pensa assim: “Arrancou, zerou, acabou o problema; vamos em frente.” Racionaliza tudo, despeja concreto em cima, não sente nada. Mas se a pessoa acredita que a solução é por aí, acredita nisso, está implícito que aquele ser

crescendo é só uma coisa biológica, certo? Porque é possível achar que ali haja um espírito, uma alma, vivendo dentro daquele feto, e ir lá e... Assim, por decorrência, por conclusão lógica, filosófica, lá no fundo, não se considera que aquilo ali valha muita coisa; é um acidente de percurso.

Bem, e sendo - vamos supor que a pessoa acha que é um acidente de percurso - qual problema haveria em dar uma olhadinha no acidente, depois que ele foi retirado, não é verdade? É isso que é interessante, porque, pela lógica, racional, materialista, do fato, não haveria problema nenhum. Ué, se não sente nada, vai lá, arranca tudo, qual o problema em dar uma olhadinha nos restos? Eles deviam mostrar, não é verdade? Porque não significa nada, é um pedaço de carne, então, deviam pôr numa bandejinha e mostrar para a ex-futura mamãe: aqui, perninha direita, perninha esquerda; aqui, cabeça, braço, tronco; os pedacinhos. Nunca ouvi falar que alguém visse isso, que alguma mamãe quis ver isso. Gozado, não é? Mas, por lógica, deveria dar uma olhadinha. Seria bem terapêutico. Porque, se a pessoa acha que aquilo não significa nada, ver os pedaços ou não, não há diferença nenhuma. Aliás, que diferença haveria se ele crescesse mais um pouco, nascesse, com seus quarenta e nove centímetros, e se pegasse o indivíduo e desse um tiro na cabeça dele? Qual a diferença? Acho que seria mais, vamos dizer “misericordioso”, porque arrancar uma perna, outra perna, arrancar braço, arrancar a cabeça, não é?... Escutem, o povo, quando ouve falar de Tiradentes, fica meio arrepiado, certo? Pode-se amarrar um braço num cavalo, o outro braço em outro cavalo, cada perna num outro cavalo, quatro cavalinhos e chicotear os cavalinhos. Aí só sobraria o tronco. Poderiam ter chamado: “o aborto de Tiradentes”, mas ele é grande, porque é isso o que é feito.

Pois é. Mas, aí, concreto em cima, certo? Vai levar, é claro, vai levar um tempo, mas a poeira abaixa, abaixa, abaixa, abaixa, aí virá uma tremenda depressão. Precisa disso? Precisa passar por isso? Porque é i-ne-vi-tá-vel. Por mais concreto, por mais racionalização que faça, não tem escapatória.

Vamos voltar atrás. Estamos dentro do Todo. Você está dentro de um Ser, do mesmo modo que a ameba está dentro do seu intestino. Ela não sabe, e muita gente também não sabe que está dentro do Todo. Acha que o Todo é aquele velhinho, lá, com o porrete, certo?, bem longe, mas que está bem longe, bem longe. Porque, se estiver com o porrete perto, aí o ser humano tem medo; mas, se o velhinho está longe...

Vem outra cliente e fala assim - em tudo isso, estamos falando de ego - “Meu marido não acredita em nada. Acha que é assim: morreu, enterrou, acabou, fim, *the end*.” Muito bem, cada um acredita no que quiser. “Ele trabalha?” “Trabalha.” “Mas para quê? Para que ele trabalha? Algo não está “batendo”. Ele ganha quanto?” “Ah, ganha...” “Para quê? Por que ele está ganhando isso? Ele levanta, precisa se locomover, enfrentar o trânsito; vai, trabalha e volta, e dirige, e toda esta coisa, e acha que morreu, enterrou. E está com quantos anos? Sessenta e um anos? E continua fazendo assim?” “É, continua.” “E tem patrimônio?” “Tem, tem bastante patrimônio” “E ele está fazendo o quê com o patrimônio?” Porque ele vai morrer e sumir - isso na cabeça dele - e o patrimônio vai ficar aí, os filhinhos vão “torrar” tudo. Então, para que ele está juntando patrimônio? Ela devia fazer essas perguntas para o marido, certo? Porque ficam levando uma vida só de trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, em função de quê?

Então, com relação a ateísmo, existem umas inconsistências lógicas complicadíssimas, não é verdade? É lógico. Olhem o planeta Terra, olhem os faturamentos que existem na parte negra da *matrix*, o lado negro da *matrix*, o quanto se fatura. Só de drogas, no mínimo, US\$700 bi (setecentos bilhões de dólares) por ano são “lavados”; US\$700 bilhões por ano. E o sujeito está trabalhando por quanto? Qual o salário dele? E ele vai morrer e acabar tudo?

Se ele viesse falar comigo, eu faria a seguinte pergunta a ele: “Então, me conte por que você trabalha e ganha isso? Por que você não empreende uns negócios, na *matrix* negra, que vão fazê-lo ganhar uma fortuna?” O que ele falará? Quais as razões para ele não estar trabalhando na *matrix* negra, sendo que acredita que morreu, acabou. Percebem o tamanho do problema? Porque qualquer, qualquer desculpa que ele der, qualquer razão que ele der - porque ele deve trabalhar, ou porque moralmente, eticamente... Se ele falar algo assim, vou responder: “Amigo, vá consultar um

psiquiatra urgentemente, urgentemente. Porque existe uma dicotomia na sua mente, tremenda. Porque você não acredita em nada e você vem falar que trabalha por ética, ou por moral, ou... Espere; qualquer desses conceitos implicam em ter uma visão, uma concepção, do Todo. Você só pode falar de moral em relação ao Todo; de ética em relação ao Todo; qualquer coisa de sentimentos elevados, em relação ao Todo. Então, se você não acredita em nada; acha que morreu, enterrou, para que você está fazendo alguma coisa de bem aqui? Para que você está ajudando alguém? Para quê? O que está fazendo aqui?”

Pois é. Existe uma inconsistência lógica absurda nessa história, porque qualquer coisa, qualquer desculpa que ele der, com relação a aspectos subjetivos, mentais, é puro “papo furado”. Ou será que ele acredita, e essa conversa de que morreu, acabou, é só “para inglês ver”, como se fala? E ele quer enganar quem, com isso, não é verdade? Porque, se o sujeito diz: “Não; morreu, acabou” e continua a trabalhar, e trabalhar e trabalhar e se sacrificar... Se sacrificar para quê, se morreu, acabou tudo? Agora, ele está dando essa desculpa por quê? Sabe por quê? Para não evoluir, não evoluir - ego, zona de conforto. Porque, se ele admitir que existe uma energia, existe uma inteligência, existe Deus, existe vida após a morte, existe outra dimensão etc., etc., etc., ele terá que tomar uma posição em relação a tudo isso. “Bem, vou morrer e continuo vivo. E, aí, o que acontece comigo? Quais são as consequências? O que eu faço agora traz consequências depois? E como posso melhorar a minha vida depois?” Ele terá que se posicionar e começar a fazer alguma coisa, deste lado, enquanto está vivo, aqui. Para ficar na zona de conforto, ele fala que não acredita em nada após a morte e, no entanto, fica trabalhando. Bem, não sei se a mulher falará isso para ele. Mas seria bem interessante que ela fizesse uns questionamentos. Apesar de que pode ser meio perigoso ela fazer esses questionamentos para ele, certo? Nós acabamos de ver, há alguns minutos atrás, como é que as mulheres são tratadas no planeta Terra, certo? Então, se: “Marido,...

Plateia: (risos)

Prof. Hélio: “...se, se não existe nada após a morte, logo, para que você trabalha?” É meio perigoso. É melhor, é melhor ela deixar assim; vai ser perigoso para ela. Eu poderia fazer essa pergunta.

Vocês veem quantas possibilidades de fuga existem para não crescer, para não evoluir, para não estudar, para não aprender, para não precisar tomar uma posição em relação à vida real, o que existe do “outro lado”. Isso aqui é energia congelada; a energia livre está do “outro lado”, na outra dimensão; isso aqui é só consequência, é temporário.

Pois é. Algumas pessoas, aqui, devem ter assistido ao filme: “O Décimo terceiro andar” (1999). Todos deveriam assistir. As pessoas assistirão e pensarão que aquilo é uma ficção científica. Assistem a “*Matrix*” e muitos não conseguem entender o que está acontecendo ali, e desligam. Mas “O Décimo terceiro andar” é bem, bem próximo, da realidade humana, desta civilização. Fica mais fácil de entender. O filme trata da criação de uma realidade virtual em que as pessoas têm a tecnologia para, mentalmente, terem outra vida.

Não sei se aqui nesta sala alguém ouviu falar, mas existe, aí, um mundo virtual, em andamento, chamado: “Segunda Vida”. Ouviram falar? Certo? “Segunda Vida”. Isso. Já há mais de um milhão de pessoas participando disso. Nos outros jogos, se somar, dá mais ou menos uns cem milhões de pessoas que jogam, sistematicamente. Quer dizer, o jogo passou a ser a vida da pessoa; é uma adicção total, porque o jogo dá o mesmo resultado da dopamina, do sistema dopaminérgico, no cérebro, que dá a resposta. Em nove segundos, num jogo normal, desses que já existem por aí, em nove segundos o jovem já tem em si uma resposta bioquímica, equivalente a tomar uma anfetamina. Em nove segundos. Então, “Seu filho usa droga?” “Não, de jeito nenhum. O meu filho não usa, não usa nenhuma droga, nenhuma. Ele só joga, só joga.” Em nove segundinhos, já se inundou de anfetamina; aí, em mais nove segundinhos, imaginem.

Pois bem. Vocês podem assistir ao: “O Décimo terceiro andar” e pensar: “Nossa! Que ficção! Vai levar duzentos milhões de anos para isso virar realidade.” Não é? Hum... Nesses programas, esses mundos virtuais estão construídos para tudo ser possível, desde que você compre. As multinacionais, muitas delas, estão investindo; uma delas investiu US\$100 milhões (cem milhões de dólares) num mundo virtual desses. Então, vejam US\$100 milhões de investimento na manutenção e criação desses mundos. Bancos, bancos daqui, abrem filiais nesses mundos virtuais; agência de notícias, do mundo daqui, abrem filiais dentro do mundo virtual. Existe uma empresa que criou uma diretoria, com vários cargos, com diretor e gerente e mais um “monte” de funcionários, não sei quantos, mas muitas pessoas, só para trabalhar nesse mundo virtual. Empresas multinacionais criam uma diretoria só para fazer negócios dentro do mundo virtual.

O mundo virtual tem um dinheiro, porque, lá, você só faz coisas se comprar equipamentos, personalidades, avatares etc.; compra-se qualquer coisa. É um mundo virtual. É possível deixar - é o que a pessoa pensa - deixar essa vida, daqui, cheia de problemas, e imergir, num outro mundo, onde se pode tudo. Só que, chegando lá, ela pode fazer umas coisas e ganhar dinheiro, o dinheiro de lá - o *Linden Dollar* (L\$).

Num desses jogos existe uma cotação, até onde eu sei, de duzentos e cinquenta por um: L\$250.00 valem US\$1.00 americano do lado de cá. Então, você chega lá e precisa comprar coisas, se aparelhar, e não tem o *Linden Dollar*; mas você pode fazer um câmbio, certo? Então, você pega o seu Dólar americano daqui, troca, consegue um “monte de dinheirinho virtual”, daquele mundo, e aí “faz a festa”. E como isso é feito? Num cartão de crédito. Você passa o seu cartão, debita nele, e ganha *Linden Dollar*, lá, no mundo virtual, e sai brincando. Aí, você precisa de mais coisas, mais equipamentos, precisa melhorar aquela metralhadora. “Como é que eu faço?” “Isso vai custar ‘tanto’.” “Não há problema; é só passar o cartão.”

Essa semana, no *UOL*, tinha uma matéria sobre um joguinho – esse, infantilzinho - em que também há essa sistemática em que as pessoas vão comprando as coisas via cartão de crédito. Então, mostra-se lá, na matéria, a fatura da moça: US\$5.00, US\$3.00, US\$7.00, US\$5.00, e assim vai. No final das contas dá um número, mas cada coisa que você compra é baratinho: US\$3.00, US\$4.00, US\$4.50, é tudo assim. E a pessoa vai comprando, comprando, comprando, comprando. Porque, se não tiver a aparelhagem toda, não brinca, não joga; e a pessoa está para fazer o quê? Para jogar, para brincar, para ter outra vida. Então, gasta. E, aí, também existe o câmbio negro, o câmbio negro; pode-se comprar no câmbio negro, virtual, do mundo virtual. Você pode entrar num *site* chinês, por exemplo, tudo *off*, não é? E lá o sujeito fabrica a moeda, ele sabe os “jeitinhos” de fabricar, de fazer, fazer dinheiro. Ele faz a moeda, o *Linden Dollar* para você. Você paga em dólar americano e ele lhe dá o *Linden Dollar*; e aí você volta para o joguinho. “Ah, eu tenho dinheiro.” E brinca novamente. E assim vai. E esse negócio já está em bilhões de dólares.

Se uma multinacional coloca US\$100 milhões nesse mundo, outra cria uma diretoria enorme para isso, o que vocês acham que estão preparando para o futuro? Já imaginaram? US\$100 milhões, investidos num mundo virtual, que está dentro de um computador, certo? O que é o...? Lá, no filme: “O Décimo terceiro andar”, não existe todos aqueles servidores, enormes? Aquele mundo, em que o personagem entra, no primeiro nível, existe em quê? Em elétrons, elétrons; é só a Eletrônica funcionando. É um programa de computador, mas que é capaz de simular a realidade humana com perfeição. Aí, você pensa: “Ah, mas aquela tecnologia. Nossa! Aquilo vai levar séculos e séculos para...” Hum... Em 2007, em Davos, já foi apresentada a tecnologia que vai permitir o sensorial do mundo virtual. Por isso que estão investindo US\$100 milhões, porque já sabem a transformação que pretendem. Chama-se “háptica”, a tecnologia. Háptica, a tecnologia que permite fazer com que um estímulo virtual vire uma percepção sensorial.

Na Medicina isso já está sendo usado para os cirurgiões terem quase que a perfeita percepção do bisturi na mão, fazendo a cirurgia. Portanto, isso já existe. Entrem no *Google* e pesquisem “háptica”. Está, aceleradamente, sendo pesquisada, para o mundo virtual. Já imaginaram? Porque hoje, hoje é sonoro e visual, não é? Imaginem as possibilidades infinitas que tem uma criação dessas

de transformar o virtual em sensação física. Esse mercado, posto em prática - é o que pretendem - terá um faturamento que fará com que a indústria do petróleo seja uma brincadeira. A droga vai ser nada perto do mundo virtual.

Hoje - no que já existe - você entra num mundo virtual "X"; você é uma mulher, e começa a participar do jogo. Encontra pessoas, começa a trocar ideias, e lhe falam: "Bem, você vai participar do jogo aqui, certo?" "Vou." "Só que você não tem equipamento." "Como?" Vamos supor que essa pessoa não saiba nada. Pergunta-se: "Como?" "A primeira coisa é você comprar uma vagina. US\$4.95." Como é que você fará sexo no mundo virtual sem ter o órgão? Aí, imediatamente, a pessoa passa o cartãozinho, debita US\$4.95. Pronto, ela já está habilitada a participar do jogo. Porque, nesse jogo, o que ocorre é puro sexo e mais nada. Então, se você entrar nesse jogo, vão lhe falar: "Bom, e..., e..., e...? O que você está fazendo aqui, sem equipamento nenhum?" Custa US\$4.95, é baratinho... Quem não passa o cartãozinho e se habilita?

Agora, isso ainda está ocorrendo no mental, certo? No mental. Está bem, agora a pessoa está apropriada; então ela participa. Mas, ainda, ainda não desenvolveram o sensorial; tudo é só no mental. Então, a pessoa participa, lá, do mundo virtual, e pode ter um orgasmo mental, certo? Agora, o que estão planejando? A háptica tornará possível o sensorial disso. Então, esse virtual será, na mente da pessoa, absolutamente real. O que é real? O real é o que o seu cérebro interpreta.

No ouvido dele e no olho dele (exemplifica com um espectador), estão entrando ondas eletromagnéticas. O seu cérebro processa um algoritmo e ele enxerga parede, cadeira, ele enxerga isto aqui, mas ele não está vendo nenhum de nós; só está vendo onda eletromagnética. Isso é tudo interpretado no cérebro: aí ele capta essas inúmeras ondas eletromagnéticas e acha sou eu; ele interpreta as ondas nesta figura, neste formato em que estou agora, mas ele não está vendo isso: só está vendo ondas eletromagnéticas entrando na sua mente.

Imaginem que o mundo virtual transmita não só para o cérebro, mas todo o corpo dele, essa informação. O que as pessoas farão? Já existem cem milhões, hoje, neste mundo. As pessoas "migrarão" completamente, em massa, do mundo aqui de fora, digamos, para o mundo virtual. Hoje, os homens ficam quarenta e oito horas, setenta e duas horas, jogando, e morrem, não é? Têm um infarto, depois de setenta e duas horas; porque, lembram-se? A anfetamina está entrando. Adultos, hoje, adultos, todo o tempo que tem livre, estão imersos em algum jogo, e isso sem ter ainda uma aparelhagem háptica nas mãos.

Lembram-se? Em 2007 é que foi apresentada essa tecnologia, no Congresso Mundial de Davos. Estamos em 2013, indo para 2014. Estão testando, testando, testando; e assim que tiverem certeza, de que o produto chegou ao nível de percepção e qualidade que querem, quanto sobrar? Meia dúzia de pessoas que não participarão, e o resto, em massa, imergirão nesses jogos.

Agora, com relação ao filme: "*Matrix*". No mundo do filme, quando o Neo acorda, cheio de tubos saindo dele, e olha do lado, só vê casulo, casulo, casulo; para cima, não consegue nem ver onde termina; para baixo, casulos com outros iguaizinhos a ele, todos adormecidos, vivendo na *matrix*, isto é, aqui. Então, ele sai e vai lá para a nave, Nabucodonosor, onde é conectado e entra na *matrix*, naquele mundo. É naquele mundo que as pessoas que estão lá, conectadas nos casulos, estão "sonhando", ou "vivendo", no mental delas, no mental delas.

Perguntinha: Mas eles não fazem tudo lá naquele mundo, na *matrix*? Eles não têm todas as percepções?

Plateia: Têm.

Prof. Hélio: E como é que aquelas pessoas, dentro da *matrix*, conseguem ter todas as percepções, como a mulher de vermelho? Só conseguem ter essas percepções porque existe um sistema háptico funcionando no ser que está no casulo, no útero da máquina. Perceberam? Porque, se eles estivessem só no mental, perceberiam que estão dentro de uma máquina, com muitos *plugs* conectados em si, mas nem sabem que estão na *matrix*. Por quê? Porque eles têm a sensação háptica.

Pois é. E isso está quase pronto, quase pronto. E, quando for lançado, é só um joguinho. É um joguinho; qual o problema? Esses jogos mais rudimentares estão sendo semeados de modo que, quando entrar em uso essa tecnologia háptica, vai ser um “estouro”, não é? Vai ser uma coisa inacreditável, porque a humanidade inteira, praticamente, irá querer largar a vida que está vivendo atualmente, cheia de dívidas, cheia de todos esses problemas, e migrar completamente para o mundo virtual. Portanto, a ficção ficará melhor que a realidade. Não existe limite para a tecnologia, porque tecnologia é manipulação da realidade. Pegam-se as ondas, pega-se o átomo e manipula-se o campo eletromagnético, a força forte, a força fraca, manipula-se tudo isso.

O que é percepção? É um sistema de decodificação de onda eletromagnética e de percepção tátil. Hoje a humanidade já vive dentro de uma *matrix* e nem sabe, porque a pessoa não entende. “De onde eu vim? O que estou fazendo aqui? Para onde vou? O que existe na outra dimensão, se é que há outra dimensão? E a outra, outra, outra, para baixo, para cima, para o lado?” Se ela não entende isso, nem sabe que está dentro de uma *matrix*. Porque é a mesma situação das pessoas como o Neo, que estavam lá “plugadas”, e nem sabiam. Ele saía para trabalhar, ia ao seu emprego, sentava, era programador de computador e tudo o mais, e nem sabia que estava “plugado” numa máquina. Ele só ficou sabendo quando Morpheus lhe perguntou: “Você quer a pílula azul ou a vermelha? Não há retorno, hein?” “Não, eu quero saber a verdade total.” “Então, está bem; tome a vermelha.” Na hora “desplugou”; na hora ele foi “desplugado” da *matrix*, ficou livre. Pois é.

Essa pergunta do Morpheus foi feita, aqui, nesta sala há uns três ou quatro anos atrás. Eu estava aqui nesta posição, aqui, exatamente aqui, neste ponto (se coloca na sala). E, naquele dia, quem veio canalizar fez a seguinte pergunta: **“Quanto de verdade vocês são capazes de aguentar, de saber, de ouvir, de absorver?”** Está lá gravado, está lá. Peguem o DVD “Saindo da Matriz”, está lá. Essa pergunta é equivalente à que Morpheus fez: “Existe a pílula vermelha e existe a azul. Qual você quer? Tomando a azul, sem problema, continua a sua vida do jeito que está. Agora, se você quiser saber a verdade, tome a vermelha”. Mas há consequências, porque, a partir do momento em que se desvincular da *matrix*, a *matrix* inteira virá contra você. Esse é o preço.

Então, é pura ilusão, tremenda “visão romântica da vida” pensar assim: “Vou poder sair da *matrix* e não ter nenhum problema na vida, não ter oposição, não ter...”, não é? Tudo resolvido, tudo cor-de-rosa. Não existe isso. E o preço para “desplugar” da *matrix* é a catarse. Então, aquilo que o Neo passa, lá, quando é “desplugado” e cai no túnel, e vai lá embaixo... Lembram-se de que, no filme, ele vomita, também? Pois é, ele tem vômitos. Tudo aquilo é simbólico. O preço para sair da *matrix* é fazer a catarse, por quanto tempo for necessário - um mês, dois, três, seis, um ano, dois, três, dez, cinquenta anos de catarse, quinhentos anos de catarse, até sair da *matrix*. Não precisa de tanto tempo - já foi falado, certo? - é só pegar o ego e pôr de lado. “Não bebo; vou estudar.” É simples. **“O que preciso fazer para progredir? Isso? É isso o que eu vou fazer: trabalhar, estudar, trabalhar, estudar, trabalhar, estudar.”**

Pois é. Numa palestra passada, foi falado assim: “Buscai, primeiro, o Reino dos Céus, e tudo o mais vos será acrescentado.” Ponto. Nossa. Isso soou como mel no formigueiro, para muitas pessoas! Porque, a partir daí, eu comecei a escutar: “Não, basta eu buscar casa, carro, apartamento, pronto, tudo de graça, sem trabalhar.” E, naquele dia, foi falado que era trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar. Mas para o “trabalhar, trabalhar” a pessoa fechou, fechou o canal (auditivo) e só ficou com o “buscou, casa, carro, apartamento”. Então, temos que dar uma explicaçãozinha sobre isso, para acabar com o mal-entendido. Primeiro, essa frase tem duas partes: “Buscai, primeiro, o Reino dos Céus” - a primeira coisa é definir o que é o “Reino dos Céus”, porque, senão, você não vai saber chegar a lugar nenhum, não é?

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: Você vai... Para no ponto de ônibus, aqui em frente ao Centro Empresarial, entra no ônibus, fala para o motorista: “Este que leva ao ‘Reino dos Céus’?”

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: O motorista vai falar: “Bem, depende... Qual a sua religião?” Porque, dependendo da crença da pessoa, é “para lá, ou para lá, para baixo, para cima, para um monte de lugares”. Então, se o motorista for prudente, ele pergunta.

Quando o Mestre falou isso, dois mil anos atrás deu a mesma confusão, certo? A mesma coisa. Porque, se a pessoa não passar pelas catarses, não consegue entender e sentir o que é a expressão: “Buscai o Reino dos Céus”. Sem catarse, não interpreta o fato, o comando. O comando é sentido.

“Buscai, buscai o Reino dos Céus” é algo que você só entende sentindo; não é mental. E, para sentir, é preciso que tenha limpado tudo. Esta problemática da pessoa que não fez as catarses, que não transcendeu, não deu o “salto” quântico, que não expandiu, mesmo, é muito complicada na humanidade.

Vem um filósofo e fala o que, para ele, é a verdade, porque ele já sentiu; ele fala A. O povo que não fez catarse entende B e pode fazer uma “caca” tremenda. Muitos anos atrás, uns cento e setenta, cento e oitenta anos atrás, Nietzsche, famoso filósofo, falou assim: “No futuro existirão os super-homens, super-homens. Eu já antevejo.” Pois é. Acontece que Nietzsche já tinha entendido o que se chama: “individuação”, que Jung explicou - que é a pessoa unificar-se com a Centelha. Nietzsche não usou essa terminologia, mas foi isso o que ele quis dizer, porque foi o que ele tinha entendido e sentido. Então, falou: “No futuro teremos uma raça de super-homens”. Todo o resto da vida de Nietzsche, o que ele escreveu, “pá-pá-pá”, prova isto - que ele tinha entendido o que é a individuação, que é a pessoa unificar-se com a Centelha.

Muito bem. Passam-se uns sessenta anos; não, uns setenta, oitenta anos, na Alemanha. Vocês já sabem como é falar uma frase dessas em determinados países, certo? Se um alemão fala que vai escrever uma obra, ele começa: “Introdução ao assunto ‘X’. Treze volumes” - muito bem, introdução; isto, em Alemão. Então, na Alemanha, Nietzsche falou: “Teremos uma raça de super-homens no futuro.” Bingo! Bingo! Setenta, oitenta anos, cem anos depois, sessenta anos, nasce um garoto, cresce e logo ouve falar da história dos super-homens de Nietzsche. Lógico, imaginem, a notícia “corre”. Aí, o garoto, sem fazer catarse nenhuma, pensa, pensa, pensa: “Somos nós. Sou eu e todo mundo que vou arrebanhar. Nós somos os super-homens e, portanto, mais lógico impossível, nós deveremos dominar o resto dos reles mortais.” Evidente. Adolph falou isso o resto da vida. Em todos os seus discursos, ele falava isso: “Nós somos os super-homens e temos o direito divino de dominar tudo, todo mundo.” Porque Nietzsche falou. Vocês entenderam?

Então, por mais, por mais que o sujeito tenha falado e explicado, que tenha escrito, escrito, escrito, não; só pegaram uma frasezinha, tiraram do contexto, certo? E essa frasezinha se espalhou para o povo; depois nasceu um indivíduo, que falou: “Não, é lógico, somos nós, nós.” Essa frase não deveria ter sido divulgada assim, entenderam? Agora, imaginem, no sistema de crenças do menino, ele acreditar numa coisa dessas. Ele cresceu. Quando já era adulto e estava no poder, começou a ter uns pesadelos, não é? Hum... No pé da sua cama, de vez em quando, ele via umas “coisinhas”. Então, um dia ele falou que viu, viu o super-homem, no seu quarto, e ficou, imaginem, mais crente ainda. Se ele já acreditava, piamente, nessa ideia, por questões filosóficas, imaginem tendo uma visão de um ser do lado das trevas, mas com aparência humana, com formato humano - porque é possível manipular a onda eletromagnética do jeito que se quiser e, portanto, pode-se plasmar o formato que se quiser, quem souber fazer, certo? Lembra-se? Conhecimento vale ouro, por quê? Porque, se você não tem conhecimento, morre e vai ficar ali, parado na porta do elevador, esperando alguém apertar o botãozinho para elevador vir e você descer, porque você não sabe que espírito pode voitar; você acha que ainda precisa de elevador, carro, táxi, ônibus, avião. Então, o espírito sofre, sofre; ele

precisa ficar esperando, lá, no ponto do ônibus, que venha um encarnado e dá-lhe (a mão estendida), aí o ônibus..., aí ele entra. É real, é assim, é assim. Porque não tem conhecimento, certo?

Bem, vocês viram o que aquele menino aprontou nos poucos anos em que esteve no poder. Vocês viram o que é a capacidade de empreendimento, de realização, de uma pessoa que tem uma crença e a leva 100%, “a ferro e fogo”.

David Bohm, o físico, excepcional, falou o seguinte: “Se eu tivesse dez iguais a ele, mudava o mundo.” Entenderam? David Bohm falou: “Se eu tivesse dez com a paixão que esse sujeito tinha, mudava o mundo.” E é verdade. Mas onde, onde se acham dez pessoas com a paixão que o sujeito tinha por fazer algo, não importa o que fosse? Perceberam? Fazer, pôr toda a energia, o mental, o emocional, em levar avante um ideal. Está certo, o ideal dele era das trevas, mas não... Ele, encarnado, era obsessivo em fazer aquilo em que acreditava. Ele acreditava ser o super-homem; não tinha entendido o que Nietzsche explicou. Então, ele não sabia o que era individuação, nem estava interessado, certo? Ele teria que começar a estudar Freud, Jung etc.; são todos da mesma época, hein?, da mesma época. Ele começou a subir, a crescer, a fazer, no mesmo ponto em que Freud começou a publicar.

Jung já tinha publicado em 1920, e já tinha publicado grande parte das suas teorias, enquanto ele estava criando e divulgando o partido. Em 1930, Jung tinha divulgado mais ainda, e ele... Agora, por acaso, ele se interessou em ler Jung? De jeito nenhum. Ele só interessou em permanecer na ideia: “Vai haver o super-homem. Nós.” Pronto, acabou. E doutrinou todo mundo para pensar como o super-homem de Nietzsche, sem a catarse. Deu no que deu.

Então, quando, quando um líder espiritual vem ao planeta e explica uma coisa dessas, a probabilidade de ser mal interpretado é gigantesca, porque não entendem o que ele está falando. Nem mesmo explicando, colocando no popular, em parábolas, em historinhas condizentes com a época, com coisas que as pessoas estão vendo, o pastor, as ovelhas; quer dizer, dentro do contexto da época.

Muito bem. “Buscai o Reino dos Céus” – este “Reino dos Céus” não é este aqui, terrestre; é o do Todo. Como é o Reino do Todo?

Plateia: Amor.

Prof. Hélio: Isso, exatamente. **No reino do Todo só existe Amor. A única frequência que existe é Amor.** Por isso que é tão difícil a pessoa ceder para que as coisas possam “voar”, entenderam?

A pessoa quer que mande a Onda. Está bem. Vocês sabem que é preciso haver uma interferência construtiva: o pico de uma onda com o pico da outra devem colidir. Aí, o conhecimento, a informação *A*, é assimilada pela outra onda - *B*, fazendo “assim” (*encaixa*); mas é o pico de uma onda com o pico da outra; se pegar num vale é destrutivo, anula.

Portanto, a Onda do Todo vem transportando o carro que ele (*exemplifica com espectador*) quer, vem à onda - a onda está fazendo “assim” (*subindo e descendo, indo e vindo*), certo? É uma onda; não é “assim” (*linear*), é “assim” (*subindo e descendo, indo e vindo*). Ele também está fazendo “assim” (*subindo e descendo, indo e vindo*); ele é uma onda - amplitude e comprimento. Quando a onda da Ressonância “bate” nele, o que deve acontecer? Deve haver uma coincidência do pico dele com o pico da onda que está entrando, para que haja uma interferência construtiva; aí, a informação entra. Mas, se a onda dele está aqui embaixo (*desencontra*), gera uma interferência destrutiva; portanto, a informação não consegue passar para ele.

Aí, vem outra onda e vem outra onda, e ele está na sua onda; e vem outra onda, e isso vai se repetindo vinte e quatro horas por dia. Se ele elevar sua frequência para amor, para sentir amor, imediatamente vai pegar o pico de uma onda com o pico da outra, e toda a informação entra, toda.

Então, quando o Hélio fala: “Em nanosegundo a pessoa muda”, é possível, não é mesmo? Mas muitas vezes a pessoa diz: “Ah, o Hélio falou ‘nanosegundo’ e não está acontecendo”. É claro que não está acontecendo, porque, o que ela está emanando, qual é a onda em que está? Não “bate”.

Em que frequência que ele (exemplificando com o espectador) está? Está chegando uma onda do Todo. Perceberam? **A única maneira dele, deixar entrar a onda é sentir amor, é a única maneira.**

É por isso que demora, passa um mês, dois, três, seis, um ano. É por isso que demora; porque a pessoa continua com todo o sistema de crenças negativo, sentimentos negativos, portanto uma onda baixíssima, de frequência baixíssima, e está tentando receber uma onda de frequência altíssima. Está pondo um 220(V) num 110(V), não dá certo.

Portanto, quando a pessoa vem fazer *Ressonância*, ela precisa estar disposta a elevar a própria frequência. Não é só dizer: “Eu quero casa, carro, apartamento” e bingo! Está feito, passe de mágica; não é assim. Não há Física que permita isso, certo? Estou explicando a parte Física, para ver se “cai à ficha”, porque não é possível transferir a informação se ele não elevar sua própria frequência.

Vamos supor que ele (exemplificando com o espectador) não faz isso, mas de vez em quando dá um “saltozinho” aqui em cima, entenderam? Assim, entra um pouquinho, um pouquinho. Porque a frequência do Todo está aqui (acima), então entra um pouquinho nele, porque deu uma interferência construtiva. Quando ele chegou em casa, cumprimentou a mãe, deu um beijo nela, então emanou amor pela mamãe - numa ocasião dessas o Todo aproveita e transfere um pouquinho, entenderam? - Porque ele sentiu amor, o Todo aproveita essa oportunidade, isso é raro, está bem? - pronto.

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: **Em vinte e quatro horas por dia, quantos segundos há de sentimento de amor?** Façam uma pesquisa. O resto é competição, é poder, é ciúme, é inveja, é medo, é raiva, é tudo. Tudo o que tem direito, menos amor. Por isso que o resultado atrasa. Seria preciso que a pessoa afastasse o ego, deixasse de lado os interesses particulares, de poder, de controle - a Centelha está emanando, mas o ego está encobrindo a Centelha. É por isso que, se ele sair de lado, como a Centelha está na frequência do Todo, então 100% da informação entra, porque entra na Centelha. É por isso que é preciso pegar o ego e deixar de lado, abandonar os interesses particulares. O que é o ego? Os interesses particulares da pessoa. É difícil, não é? Muito, muito difícil.

Então, a primeira coisa - **“Buscai o Reino dos Céus” - é entender que nesse Reino só existe amor, paz, harmonia, compreensão, bondade etc.**

O que é o “buscai”? É transformar a própria vida, o máximo possível, nisso. Como é que alguém pode estar buscando o Reino dos Céus e prejudicando os outros, e bebendo, e dando um empréstimo *subprime* para o sujeito que já está falido, e fazendo cafezinho numa usina nuclear, que faz bomba atômica? - porque também nessa usina há uma mulher responsável pelo café. Pois é.

Aquela mulher devia se recusar a fazer café: “Aqui eu não faço. Chamem quem vocês quiserem.” Claro, virá um militar de alta patente fazer o cafezinho, certo? É o que vai acontecer, porque ele acredita, ele acredita que precisa fazer bomba; então, ele vai lá e faz também o café. Mas a mulher do café não poderia fazê-lo, se ela está buscando o Reino dos Céus em primeiro lugar. Agora, se ela pensa: “Estou nesse emprego para ganhar dinheiro para comprar casa, carro, apartamento”, ela vai fazer o café.

Então, este “Buscai o Reino dos Céus” é algo, extremamente, difícil de fazer, porque implica em sair da *matrix* completamente. **Não é possível viver no mundo das trevas e “Buscar o Reino dos Céus”.** Não há possibilidade; é im-pos-sí-vel.

Imagine, você está lá embaixo, no reino trevoso, onde tudo é poder, poder e mais poder e mais poder e mais poder e mais poder, força e poder, sem misericórdia, sem amor, sem nada; poder. E você é um demoniozinho inferior, lá embaixo. Aí, você escuta a palestra, porque o canal é direto - a internet astral funciona perfeitamente. Eles não têm falta de informação, o Todo não lhes nega informação. Todos têm a oportunidade de mudar de vida, o tempo inteiro. Ninguém está punindo ninguém. O Todo não pune, o Todo não castiga; todos podem mudar, a hora que quiserem, e trocar

de lado e serem felizes. É claro que vai precisar pagar o vaso chinês, certo? Quebrou o vaso, inevitavelmente precisa pôr outro vaso no lugar. Isso faz parte, não há como fugir; fez, está debitado; mas, não tem problema nenhum. Muito bem. Mas, vamos supor, hipoteticamente, a existência de um serzinho de pouca graduação, em cuja mente, sabe-se lá o motivo, brilhou uma luz, e ele ficou mais curioso, e começou a prestar atenção nas palestras sobre Mecânica Quântica. Escutou, escutou, escutou, escutou, e aí abriu uma “brechazinha”. A luzinha vai entrando, e ele fala: “Ah, acho que eu vou experimentar esse caminho, para ver o que dá. Apesar de que todo mundo fala contra, mas eu quero ver pelos meus próprios olhos.”

Então, o serzinho resolve fazer o bem, lá embaixo. Aí, o chefe - há muitas graduações - o superior direto dele diz: “Venha cá, ‘fulano’. Encha de pancadas aquele sujeito.” Ele responde: “Sim, senhor” e vai lá, certo? Se não falar: “Sim, senhor” é ele quem começa a apanhar. Bem, ele vai lá, vai pensando: “Vou aproveitar esta oportunidade para fazer como foi falado lá na palestra. Vou fazer uma experiência. Não vou fazer nada contra esse sujeito; dou uma olhada, volto lá e falo: ‘Chefe, executei, está tudo certo’.” Vamos supor que ele faça isso; vai, não faz nada do que foi mandado, volta e diz: “Chefe, já executei”. Ele acha que pode enganar a *matrix* lá de baixo. Seu chefe, se for alguém já de certo conhecimento, tem um poder, tem uma capacidade, chamada: “visão remota”, como todo ser que já alcançou um certo grau de conhecimento. Isso não é evolução espiritual; é pura habilidade psíquica, percepção extrassensorial; não tem nada a ver com espiritualidade; é só ter o canal aberto. Bem, se o chefe já for mais graduado, vai dar uma olhadinha e falar: “O ‘cara’ está inteiro. Você me enganou.” Entenderam? Vai chamar outro subordinado e falar: “‘Fulano’, ‘moa’ esse aqui de pancadas.” Portanto, como aquele serzinho poderá “Buscar o Reino dos Céus” e continuar participando do sistema lá de baixo? Impossível, im-pos-sí-vel. Ele só terá problemas.

A mesma coisa aqui. Qualquer um de nós que opte por “Buscar o Reino dos Céus” em primeiro lugar, deve ter como prioridade única “Buscar o Reino dos Céus”, quer dizer, não é comprar casa, carro, apartamento; é fazer o bem, indistintamente, vinte e quatro horas por dia. E aí, assim que a pessoa toma essa decisão, chega à informação até ele de que existe uma rodovia chamada E-55, na Tchecoslováquia e Alemanha, com um “monte” de mulheres escravas. “O que eu posso fazer? Está muito longe.” Aí, ele entra no *UOL*, dá uma olhadinha e vê isso aqui (*lê um artigo*): “Rodovias federais brasileiras têm mais de mil e setecentos pontos de exploração sexual de menores.” Não precisa ir à Croácia, está bem? Aqui mesmo, há mil e setecentos lugares, nas rodovias federais, de exploração sexual de menores de idade. Não são profissionais, são menores de idade, escravos. Ele terá que tomar uma decisão quanto a esse problema.

Aí, entra a outra questão. **O processo de iluminação é uma coisa interna, é uma atitude interna.** Só assim este planeta mudará, só assim. Já se tentou, nesses milhares e milhares e milhares de anos, todos os tipos de revoluções, guerras, motins, sublevações etc., insurreições, todas esmagadas, “a ferro e fogo”. É a maior “visão romântica da vida” achar que um movimento qualquer, com meia dúzia, dez, quinze, vinte, quinhentas pessoas, poderá mudar qualquer coisa neste planeta. Isto é pura ilusão.

Quando no começo da palestra de hoje, se falou: “Não é para fazer irmandade alguma no nome da Ressonância”, é por isso; porque não adiantará nada e só trará problemas para quem fizer isso e para mim, porque o poder ligará uma coisa à outra, e falará: “A culpa é de quem? Dele.” Por isso que esse uso precisa ser desautorizado, para que eu tenha mais tempo, um pouco mais de tempo, para poder fazer o trabalho.

Então, iluminação é algo interno, que vai ocorrendo aos poucos: você vai fazendo a catarse, faz, você deixa limpar, limpa, limpa, limpa, eleva os seus pensamentos ao Todo, procura sentir, cada dia mais, amor, amor, amor, amor. Sobe, faz mais catarse, catarse - ilumina-se, um pouquinho; uma lâmpada de vinte e cinco velas, mas já é uma lâmpada, já existe uma luzinha ali; não precisa virar um holofote, não; vinte e cinco velas já são suficientes. Se, com vinte e cinco velas você for capaz, quando seu chefe mandar: “Prejudique ‘fulano de tal’”, você vai falar “Não faço!” Passa a haver mais luz, já são vinte e seis velinhas, entendeu? Outra vez, e já são trinta; está subindo a luz.

Portanto, quando um número significativo de pessoas, pelo planeta inteiro - não vai ser uma região - gente “pipocando” pelo planeta inteiro, for se iluminando e tomando essas decisões, aí ocorrerá a mudança. Porque não é possível parar, porque não existe um movimento. Não existe uma central. Não existe um partido. Não existe um diretório. Não existe uma liderança para ser contida.

Lembram-se do filme: “Clube da Luta”? Havia células por todos os lugares e ninguém sabia da outra, porque o líder viajava e montava uma célula; ia a outro lugar, outra célula; outro lugar, outra célula; outro lugar, outra célula. Aquilo é uma metáfora e mostra uma estratégia perfeita de organização. Um não sabe que o outro é iluminado. Claro que quem é iluminado “bate o olho” e sabe que o outro também é, mas pode falar ou não com ele. Mas, se a quantidade de pessoas iluminadas, pelo planeta inteiro, for algo significativo, então está acabado, mudou (num estalar de dedos); em um dia, muda. Mas quando as pessoas pagarem o preço da mudança, tomarem a pílula vermelha, arcarem com as consequências de sair da *matrix*. **Porque esse “sair da *matrix*” é que é a iluminação.** Isso é a prova da iluminação. Porque você só sai da *matrix* quando não está mais trabalhando pelo seu próprio interesse particular. Você só sai da *matrix* quando é a Centelha que assumiu a sua vida; aí, sai, porque ela já está fora da *matrix*. É a coisa mais fácil e mais natural viver fora da *matrix*, quando você deixa a Centelha Divina comandar a sua vida.

Chegado ao ponto que a pessoa, realmente, está buscando o Reino dos Céus, e, por decorrência, “Tudo o mais vos será acrescentado”. Óbvio ululante, não é? Óbvio ululante.

Porém, Gandhi precisava de casa, carro, apartamento? Ele morava num barraco - para não falar barraco, “*ashram*” - mas era, uma tapera. No chão, um lençolzinho, que ele fazia; andava, punha o lençol, se cobria com o lençol e andava de lençol. Um dia ele foi à Inglaterra, no inverno, no inverno. Existem fotos; o povo todo com aqueles capotões, aquela neve, aquele frio da Inglaterra, e ele no seu lençol. Está lá, na biografia dele.

Martin Luther King precisava de casa, carro, apartamento, essas outras coisas, também? Ele só queria andar, não é? “Vamos a Washington. Vamos lá, que eu preciso fazer uma palestra em Washington”, ao ar livre, para trezentas, quinhentas, um milhão de pessoas.

Mandela precisava de casa, carro, apartamento? Difícil, não é? A cela, em que ele ficou vinte e oito anos, era “daqui” até “aqui”, um pouquinho “aqui” e um pouquinho “aqui”, era a largura da cela dele; abrindo os braços, assim (para os lados), pronto, acabou, já era uma parede e outra parede, e aqui (à frente) também. Vinte e oito anos; então, ele não precisava de casa, carro, apartamento. Luva de *boxe*, para fazer exercício, ele tinha uma luva. Os outros presos políticos também faziam exercício com uma luva, que era o que havia. Eles não tinham duas, uma só. Ele “se virava” com uma luva, sem problema.

Foi isso que eu perguntei para o menino que veio essa semana: “O que você acha do Gandhi?” E ele não soube responder. Depois que você buscou o Reino dos Céus e chegou lá, que importância tem casa, carro, apartamento? “Cai essa ficha”? Pois é. Mas, pela lógica terrestre, a ideia é assim: “Bem, se eu chego lá, e não tenho casa, carro, apartamento, eu também não quero chegar ao Reino de Deus...”

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: Essa é a conclusão lógica.

Uma cliente disse assim: “Não adianta. Você está vendendo um negócio...” - ela falou para mim - “...você está vendendo uma coisa que não vão comprar. Você está vendendo o Reino dos Céus; ninguém vai comprar isso. Por isso que não há reação.” Não é que você não possa ter casa, carro, apartamento; você pode ter, só que isso não significa mais nada. É aquela velha história: você acha que o Gandhi vai cuidar de quê? Vocês já imaginaram Gandhi no Fórum, na fila do cartório, com uma petição, esperando. “Saiu? Processou? O meritíssimo assinou? Não assinou?” Já imaginaram? Sem demérito nenhum aos advogados, tudo bem? Mas o dia em que os advogados

virarem Gandhi, não vão mais ao Fórum. É lógico. Bem, o dia que os advogados virarem Gandhi, isso aqui já virou o Paraíso Celestial.

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: Se não precisar mais de advogado, é porque não há mais crime nenhum, não há mais atrito, não há discordância, não há coisa nenhuma; pronto, resolvido. Só pode ser o Céu, não é? Só pode ser o Céu, um lugar que não precisa de intermediação, de juiz, de coisa nenhuma; está todo mundo em paz. Você acha que no Céu o povo vai disputar alguma coisa, vai dizer: “Não, esse pedaço é meu. Saia para lá”?

Mas, intuitivamente, a luzinha das trevas, não é? Você não vê luz estroboscópica, aí nas “baladas”? Nas trevas também há luz - fala-se: “Esse negócio, Reino dos Céus...” Aí, você faz catarse, catarse, põe tudo para fora e fica contra todo mundo e todo mundo contra você, e você vai ter problema de todos os tipos. E aí? “Aí, você não tem mais interesse por casa, carro, apartamento, feijoada...”

Plateia: (*risos*)

Prof. Hélio: Essa lógica corrói o ser humano, sem parar. Eles são absolutamente lógicos. Lá embaixo está “assim” (grande quantidade) de gente superespecializada em mente humana. Então, vão semear uma filosofia de vida que vai invalidar o “Buscai...” Porque, para a pessoa arcar com as consequências de “buscar”, ela tem que olhar lá na frente. Não olhará as benesses nesta vida, pensando: “O que ganho com isso, aqui e agora?” A pessoa precisa olhar ao longo, mais uma vida, duas, trinta, pensar: “Vou ficar cada vez melhor, melhor, melhor, melhor. Quanto mais luz, mais felicidade.” Porque, aquele que se iluminou não tem mais nenhum questionamento desse tipo. Ele *era* de um jeito, agora ele *é* de outro; mudou. Esse novo “eu” que ele tem que é a Centelha, não tem nenhum questionamento de voltar atrás. “Aí, será que aquela outra vida era melhor?” Por isso que foi dito para a “Mulher de Loth” (Parábola da Mulher de Loth): “Não olhe para trás”, lá em Sodoma e Gomorra, “Não olhe para trás. Porque quem pega no arado e olha para trás, esse não é digno.” Esse não serve para trabalhar.

Vocês já imaginaram? É a mesma coisa que acontece nas empresas, não? O funcionário fica olhando o movimento do relógio (na parede ou no pulso) - dezesseis horas, dezesseis horas e cinco, dezesseis horas e vinte, dezesseis horas e cinquenta e cinco. Nesse momento, abre a gaveta, puxa tudo o que está em cima da mesa, e faz “assim” (sai, vai embora). Como se pode contar com um funcionário desses para fazer alguma coisa, se ele está contando as horas para parar de trabalhar?

No entanto, quando muda, a pessoa está feliz, a sensação é inebriante. Por quê? **Porque a Centelha, a frequência da Centelha, jorra neurotransmissores de alegria e felicidade, endorfinas, endorfinas, endorfinas.**

Lembram-se? Quem entra no joguinho, depois de nove segundos, tem anfetamina. Quem se ilumina, tem endorfina, sem parar. Entrem no *Google* e digitem “endorfina”, pesquem. É o “néctar dos deuses”, a endorfina. O pessoal faz qualquer coisa para ter isso.

Por que consomem cocaína? Porque a cocaína induz à fabricação da dopamina. O que a pessoa precisa realmente, o que ela quer, é dopamina, mas não sabe como conseguir isso; nem sabe que é assim. Recorre a um atalho: “Se eu usar cocaína, ganho dopamina.” Faz qualquer coisa pela cocaína. A pessoa não sabe que poderia ter a dopamina se buscasse o Reino dos Céus. Dopamina, serotonina, endorfina, tudo, sem parar.

A maioria dos seres humanos não tem ideia do que é sentir isso, estar com a corrente sanguínea abastecida, no ponto ótimo, dos neurotransmissores. A maioria não tem, não sabe o que é isso. Porque a frequência baixa não permite gerar esses neurotransmissores na quantidade que a pessoa precisa.

Pensamento negativo não gera a endorfina. É por isso que existe esse “desespero silencioso”, como Thoreau falava, entenderam? As pessoas “empurram com a barriga” a vida, achando que não há outro caminho, não há outra solução, que é assim mesmo. “Fazer o quê? Vamos em frente...” Então, o jeito é fugir pela lateral. Fugir por qualquer tipo de coisa que seja. Fugir através do álcool, das drogas e fugir para os mundos virtuais, que é o que estará na ordem do dia, daqui para frente, entenderam? Quando a pessoa entra no mundo virtual, pronto; deixa toda a miséria humana para trás e fica lá, horas e horas, nesse mundo virtual.

Na verdade, se você pensar bem, nem há mais necessidade de se pôr *chip* na humanidade. O *chip* está ficando obsoleto, obsoleto. Acharam algo melhor. A própria pessoa vai se “enterrar” lá no mundo virtual e não sai mais. E agora, imaginem: depois que a pessoa passar a conviver nesse mundo, como é que ela volta para a realidade aqui de fora? Quanto mais imergir no mundo virtual, mais difícil será ela voltar para cá. Chegará uma hora em que ela não querará voltar mais. Isso vai produzir tremendas implicações econômicas, políticas, sociais etc., porque, no mundo virtual, a pessoa pode ser qualquer coisa - pode trocar de sexo, pode ter a consciência de um animal, pode ser metade homem, metade animal, pode ter o poder que quiser, pode ter o armamento que quiser, pode ter tudo o que quiser; é só pagar. E, aí é que está: para pagar, para ter o *Linden Dollar*, ela começará a fazer todas as besteiras. Para conseguir o dólar lá do mundo virtual, para poder viver naquela vida. É a escravização ficará perfeita. Entenderam a jogada?

Lá na frente todo mundo virará escravo, porque todos precisarão daquela moeda, daquele mundo virtual. Por isso que já existe um câmbio enorme desse dinheiro virtual. Existem vários lá, na China, que fabricam a moeda “pirata”, o *Linden Dollar* “pirata”.

Vou explicar melhor. No mundo virtual essas moedas são códigos, está bem? São todas códigos. Existe um número, vamos dizer, trinta dígitos, criptografados, igual às nossas notas de papel, cheias de coisinhas para impedir a falsificação. O verdadeiro *Linden Dollar*, emitido pelo governo do mundo virtual, pelo banco central do mundo virtual, também tem esses códigos. Só que o *hacker* chinês sabe como criar o *Linden Dollar*, como reproduzir o código, que passa pela verificação do mundo virtual, do governo ou do banco central do mundo virtual.

Então, o sujeito, quer dizer, você, no computador, digita informando que tem mil *Linden Dollars* e eles verificam, não é? Está certo; e você passa, porque o sujeito, lá na China, sabe criar aquela moeda, que, no mundo virtual, vão achar que é verdadeira - é uma falsificação perfeita - e você continua jogando. Agora, para conseguir esse *Linden Dollar* falso, mas que passa no mundo virtual, você tem que pagar para o chinês, o *hacker*, em Dólar real americano ou Euro. E, você fica escravo do lado de cá, também, porque fará qualquer coisa, do lado de cá, para ter o dinheiro, para poder comprar o dinheiro do mundo virtual. Imaginem. Isso foi extremamente bem pensado.

Imaginem, as grandes corporações colocando US\$100 milhões na criação desses mundos. Em vez de criar uma fábrica, como uma montadora de automóveis, ou um negócio, com US\$100 milhões, a empresa aplica esses US\$100 milhões num sistema virtual, isto é, uma série enorme de computadores, servidores com uma capacidade gigantesca, para armazenar o mundo virtual, porque, lá dentro você vai para um lugar, vai para o outro, vai para o outro. Essa corporação terá o mundo virtual, ou um bairro dele. Um bairro em que você pode ir e comprar todos os produtos e tudo mais. São US\$100 milhões postos nisso! E uma dessas agências de notícias enormes, do lado de cá, abriu uma filial no mundo virtual, para as notícias do mundo virtual, dada a quantidade de pessoas que já sabem que entrarão nesses mundos. Hoje, está em cem milhões de dólares, esse mercado; cem milhões de pessoas. Imaginem o quanto isso vai exponenciar. Esse é o plano. Esse é...

Portanto, de um lado, temos tudo para a alienação total, para a manutenção da *matrix* no planeta Terra. Tudo isso é escapismo, é uma fuga - outra vida - e, do lado de cá, meia dúzia de pessoas, no planeta inteiro, falando: “Acorde, acorde, acorde, acorde, acorde, acorde”.

Essa é a decisão que cada um precisa tomar. Ou “acorda” ou ficará dentro da *matrix*, mas, pior ainda, ficará meio isolado dentro da *matrix*, porque a maioria das pessoas da *matrix* mergulharão nos mundos virtuais, e você ficará sozinho, sem ter com quem conversar, porque praticamente todo

mundo estará vestido com equipamentos hápticos, - visão, capacete, luvas, o corpo inteiro - vivendo dentro do mundo virtual, com todas as sensações que existem do lado de cá. Assim, quem não entrar no mundo virtual e continuar dentro da *matrix* vai ficar sozinho. Isso já está acontecendo hoje, em pequena escala, mas já está acontecendo.

Tenho uma cliente cujo marido já fica grande parte do tempo livre, nesses mundos virtuais. A mulher fica lá, cuidando dos seus afazeres, e o marido, durante todo tempo livre, “mergulha” no computador ou no *palm* ou no *iPad*, qualquer coisa que seja, e fica no mundo virtual. Ela dá uma bronca, ele fecha o programa, para; mas logo que ela “vira as costas”, ele “pumba”, “mergulha” de novo. Agora, daqui a um tempo, quando o sujeito vestir esse equipamento virtual, você pode chacoalhá-lo, que ele nem vai saber que você está falando com ele, ou está chacoalhando, ou está mexendo nele, porque estará completamente imerso dentro do outro mundo, com todas as percepções do mundo virtual, que serão iguaizinhas às deste mundo. Entrem no *Google* e digitem “háptica”. Ele não sai mais. Quer dizer, ele sairá só para comer, não é? Ele comerá alguma coisa e voltará, porque ele já não sai mais; ele é um adicto, um adicto do mundo virtual.

Hoje, já existe o mundo dos jogos, os jogos de guerra e “tal”. Mas o sistema está planejado para tomar, alçar um patamar inigualável, mundial, global, tudo. E, aí, imaginem os seus filhos crescendo com essas interfaces. Porque, hoje, eles têm esses equipamentos, mas os efeitos ainda são visuais e não saem da máquina. Imaginem quando houver os capacetes, as luvas, para as criancinhas de três anos, quatro, cinco anos. E isso será vendido como um tremendo avanço, como tecnologia, como... E, se o coleguinha tem e uma criança não tem, ela vai infernizar seu pai e sua mãe, porque ela está “por fora”; o outro tem, e como ela não vai participar da evolução da tecnologia? Ela é um *neanderthal*, um dinossauro? O pai não vai querer que o filho se sinta assim, e compra o equipamento háptico para o seu bebezinho. Essa criança cresce dentro do mundo virtual. Imaginem; em uma geração, *game is over*. Em uma geração, a humanidade inteira estará escravizada por um sistema desses.

Portanto, a coisa é muito mais séria do que se pensa. As consequências futuras são fundamentais para a existência da Luz no planeta Terra.

O que está em jogo é: a Luz prevalece aqui, ou as trevas? É isso o que está em jogo, literalmente. A Luz está fazendo tudo o que é possível para libertar as pessoas, mas é, em última instância, o livre-arbítrio de cada um que decidirá isso.

Boa noite. Obrigado.